

# Triste Fim de Tenório d'Albuquerque: o Pensamento de um ex-Integralista no Estado Novo

Marcelo Alves de Paula Lima

## Abstract

This is the first paper aimed at analyzing the political thought of A. Tenório d'Albuquerque, an intellectual who was part of the anti-Semitic wing of the Brazilian Integralist Action (AIB). Our timeframe lies between 1937 and 1941, a time lapse during which anti-Semitism and anti-imperialism, elements that are our main concern, became explicit in his books. Writing in the eve and at the beginning of the Second World War, the author appeals to History in order to call for a pro-Axis position, since England would be historically bowed to Jewish interests. Brazil's 1942 entry into the war on the Allied side brought problems to the author, who got arrested.

**Keywords:** A. Tenório d'Albuquerque, integralism, fascism, anti-imperialism, anti-Semitism, Estado Novo.

## Introdução

O professor carioca Acir Tenório d'Albuquerque (1899-1973)<sup>2</sup> foi membro da ala antisemita da Ação Integralista Brasileira (AIB), agremiação de inspiração fascista fundada por Plínio Salgado em 1932 e extinta em 1937 pelo presidente Getúlio Vargas após o golpe do Estado Novo. Apesar de sua proximidade com o fascismo, o integralismo também era tributário do pensamento conservador da Primeira República (1889-1930). Abordaremos as obras políticas de Tenório publicadas entre fins dos anos 1930 e princípios dos anos 1940. Escolhemos esse marco porque nosso interesse é compreender o teor antisemita e anti-imperialista de seu discurso, que se fez especialmente presente naquele período, em sintonia com o imaginário político da época.

Ressaltamos o ineditismo deste trabalho, pois trata de um intelectual integralista que não foi alvo de qualquer publicação. Seguindo os passos de Newton Colombo de Deus Vieira (2012), fomos além dos três intelectuais integralistas mais estudados: Plínio Salgado (chefe nacional), Gustavo Barroso e Miguel Reale. Com isso, esperamos ajudar a preencher as lacunas da história deste que foi um dos primeiros movimentos de massa brasileiros.

## Anti-imperialismo no Brasil

Em 1966, Caio Prado Jr. escreveu que a luta anti-imperialista não deveria 'incidir no erro de considerar o imperialismo e seus agentes intrinsecamente "maus", abusivos e responsáveis por atos ilícitos' (Prado Jr., 1966: 319). É justamente esse o teor do discurso anti-

---

<sup>1</sup> No Arquivo Público Mineiro, o primeiro nome do autor aparece sob duas grafias:

Acir e Arcy.

imperialista antisemita: atacam-se pessoas, organizações e países com base na suposta perversidade dos seus atos. O problema do capitalismo é reduzido a uma questão racial, opondo-se o ‘capital criador’ ao ‘capital parasitário judeu’ (Carneiro, 1988: 370; Herf, 1993: 211, 212).

O autor ainda escreve: ‘Ao contrário de outros países dependentes (...) não temos uma tradição anti-imperialista com raízes em velhas desavenças e hostilidades, e muito menos atritos violentos resultantes de interferências estrangeiras em nossos assuntos’ (Prado Jr., 1966: 316-317). Pensamos que esse cenário começa a mudar já nos anos 1930, sob influxo da Grande Depressão. Analisando o imaginário político dos anos 1930, constatamos que os integralistas eram considerados, pela esquerda, agentes nazifascistas, enquanto os comunistas eram vistos como lacaios de Moscou. Assim, cada lado acusava seu rival de servir a interesses estrangeiros e ameaçar a soberania nacional (Dutra, 1997: 95, 152-153). Logo, o anti-imperialismo não era monopólio da esquerda, manifestando-se também no integralismo. Conforme mostraremos, a obra de Tenório d’Albuquerque é um exemplo de anti-imperialismo quando este ainda engatinhava no Brasil.

O cearense Gustavo Barroso foi um dos principais autores anti-imperialistas da AIB. Seu anti-imperialismo culminava em antissemitismo e suas obras integralistas denunciavam como, desde 1824, o Brasil teria sido escravizado por um suposto ‘banqueirismo judaico’, contraindo vultuosos empréstimos a juros extorsivos (Trindade, 1974: 223-224). Barroso estava à frente de uma corrente da AIB ‘mais preocupada com os valores tradicionais da história pátria, a que acrescentava um antissemitismo de frágil mas espalhafatosa fundamentação’ (Reale citado por Rago Filho, 1989: 8). Embora não tenha representado fator de atração para novos integralistas, quase dois terços dos dirigentes e militantes locais partilhavam do antissemitismo (Trindade, 1974: 161-162, 252). Tenório d’Albuquerque foi um dos autores ligados a essa corrente. Seus escritos foram, em grande parte, apropriações do pensamento de Gustavo Barroso, especialmente suas constantes referências ao mito do complô judaico.

A obra de Tenório se assemelha bastante ao ideário nazifascista, que abominava a luta entre classes, propondo, a seu modo, uma luta entre nações oprimidas e nações opressoras (Konder, 1977: 11, 12). O autor narra a história das relações entre brasileiros e ingleses, denunciando como os segundos teriam pilhado os primeiros. Assim como Gustavo Barroso (1936) em *Brasil, colônia de banqueiros*, o autor apresenta fartos números e tabelas para denunciar a espoliação que o país sofreria. A estratégia de bombardear o leitor com cifras à exaustão era comum aos integralistas que escreviam à luz de Barroso, como João Passos Cabral e Affonso de Carvalho, ambos antissemitas (Vieira, 2012: 73, 103).

#### A. Tenório d’Albuquerque e seu tempo

Lukács observa que, para Engels, os traços pessoais de um personagem ‘só podem ser cientificamente compreendidos quando (...) é delineado o espaço histórico no qual o que é especificamente pessoal (o singular) pode se tornar concretamente eficaz’ (Lukács, 1978: 108-109). Compreendamos primeiramente, portanto, o que

tornou possível a existência de uma figura como Tenório d'Albuquerque, bem como de sua obra de denúncia de um complô judaico-britânico, haja vista que 'nenhum dos mitos políticos se desenvolve (...) no exclusivo plano da fábula, em um universo de pura gratuidade, de transparente abstração, livre de todo contato com a presença das realidades da história' (Girardet, 1987: 51). Recuperemos o imaginário social, a cadeia de símbolos herdados e de representações que constituíam a subjetividade da época do autor, bem como suas motivações, seu público-alvo e o que ele estava fazendo ao proferir esse discurso (Skinner, 2002: 79-98, 102).

A imigração e o nacionalismo xenófobo que ela suscitava figuravam como alguns dos importantes temas dos grandes debates políticos e intelectuais do Brasil nos anos 1930 (Cytrynowicz, 1992: 161-162, 166). Esse afloramento do nacionalismo criou terreno fértil para o antissemitismo, contribuindo para a popularidade de obras desse gênero e gerando uma "epidemia biográfica" de caráter antissemita, e cujos temas repetiam-se de um autor para o outro' (Carneiro, 1988: 378-379). Some-se a isso o fato de que a crise de 1929, ao dificultar as importações, facilitou a circulação de livros nacionais (Levine, 2001: 19).

Essa mesma crise minara a crença no liberalismo econômico e político. No Brasil, esse fenômeno culminou na rejeição do legado da Primeira República, contribuindo para o fortalecimento de um imaginário antiliberal:

O ataque do corporativismo às ideias liberais durante os anos 30 ajudou os trabalhadores a internalizar valores autoritários. Cada vez mais os brasileiros passavam a confiar na burocracia, e não na ação legislativa ou no setor privado, como fonte de mudança e benefícios em troca de docilidade política. (Levine, 2001: 28)

Tenório era grande entusiasta do Estado Novo, tendo escrito livros preparatórios para concursos públicos do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). Apesar de ter militado no movimento integralista, proibido por Vargas, o autor seguiu publicando, mostrando que, até 1942, não fora molestado pela censura.

No campo intelectual (Bourdieu, 1992) brasileiro, Tenório era um homem bem relacionado. O prefácio de seu livro *Atentados contra o Brasil* foi redigido pelo General Meira de Vasconcelos, presidente do Clube Militar, e o prefácio de *A Alemanha grandiosa* foi redigido por Gustavo Barroso. Um dos livros que consultamos, que consta do Museu Paulista da USP, traz uma dedicatória assinada pelo próprio Tenório ao Dr. Afonso Taunay, intelectual catarinense. Já *Integralismo, nazismo e fascismo* foi dedicado, entre outros, a Muniz de Aragão, embaixador brasileiro na Alemanha nazista. Tenório também tinha contatos no exterior, sobretudo na Argentina, Chile e Uruguai, onde era membro de grupos de discussões acadêmicas.

Entre suas motivações estavam: denunciar um complô judaico-britânico para dominar as nações, impedir que o Brasil tomasse partido dos Aliados na guerra e lutar contra a ingerência estrangeira no Brasil nos planos político, econômico e cultural. Portanto, seu público-alvo era, além do governo, aqueles que nutriam simpatia pelos Aliados e os indecisos: 'queremos apresentar aos brasileiros indecisos e aos anglófilos, a política inglesa em relação ao Brasil tal

como tem sido' (Albuquerque, 1941B: 20). Atesta-o um documento denunciando que, em janeiro de 1942, em Belo Horizonte, cidade na qual Tenório residia,

no Bar Adolfo discutiam guerra os senhores: Capitão Teixeira e o professor Acir Tenório de Albuquerque juntamente com a família do proprietário do referido bar. Todos partidários do eixo. Em dado momento, o professor Acir T. de Albuquerque mostrou um artigo publicado no 'Estado de Minas', dizendo que os jornais democráticos estavam comprados pelos judeus, pois, só publicavam notícias favoráveis aos democráticos. (José Pereira Silva. 7 de fevereiro de 1942. APM)

## Desperta, Brasil!

A obra na qual encontramos a dedicatória a Taunay é *Escândalo no Morro Velho*, de 1940. Nela, Tenório denuncia a mina de Morro Velho, empreendimento inglês em Nova Lima – MG:

Não escrevemos apenas por anglofobia, sentimento que deve animar quantos prezam a liberdade. É o espírito de nacionalismo, de defesa do Brasil, que nos move. Antes do mais, somos brasileiros e nos orgulhamos de o ser. Como brasileiro, não posso admirar o país que mais espezinhou o Brasil. É uma questão de amor próprio, de patriotismo. (Albuquerque, 1940A: 5)

E sobre a mina em si, lemos:

Um flagelo para milhares de brasileiros – Dantescos são os horrores da Mina de Morro Velho! Torturas sem par sofrem milhares de trabalhadores para que a desmedida ganância judaica dos ingleses seja aplacada, para que alguns britânicos tenham uma existência de dissipação, vivam opulentamente, esbanjando em festins sardanapalescos, na famosa 'CASA GRANDE' de Nova Lima. É uma afronta intolerável à dor dos nossos patrícios! É um ultraje insuportável ao nosso Brasil, que exige uma pronta reação. (Albuquerque, 1940A: 47)

Não se trataria, porém, de um problema de classe, mas de nacionalidade, pois 'Não são apenas os operários, as vítimas dessa intoxicação lenta. Os engenheiros brasileiros que lá trabalham também sentem os seus efeitos. (...) a vida dos escravos brasileiros não merece a menor consideração por parte dos senhores britânicos' (Albuquerque, 1940B: 85). Sua proposta também passa longe da luta de classes, baseando-se em 'Apelar para o espírito patriótico do Presidente da República, para o seu devotado brasileirismo, certo de que o seu sentimento nacionalizador atingirá também a Mina de Morro Velho, talvez a mais importante colônia britânica na América do Sul!' (Albuquerque, 1940B: 87).

Tenório foi leitor dos *Protocolos dos Sábios de Sião* – cuja autenticidade ele dá como 'indiscutível' (Albuquerque, 1941A: 57-58) –, documento forjado na Rússia em fins do século XIX que denunciava uma conspiração mundial judaica, amplamente citado para sustentar seus argumentos. Também leu diversos autores antissemitas como Gustavo Barroso, Henry Ford, Leon de Poncins, Alfred Rosenberg e Werner Sombart. Este último contrapunha o espírito alemão guerreiro ao espírito judaico-britânico, impregnado de materialismo (Herf, 1993: 164). Não por acaso, o imperialismo

britânico figura, na obra de Tenório, como mero instrumento para a consecução dos planos judaicos de dominação.

Após narrar um incidente diplomático entre Inglaterra e Brasil no século XIX, no qual um ministro inglês teria enviado uma carta de teor arrogante a D. Pedro II, o autor comenta:

O nosso Imperador, lendo a carta, ficou muito aborrecido. O Brasil era ainda tão fraco, tão pobre, com tão poucos habitantes! Mas, de repente, erguendo-se, reanimado, como a contemplar o Futuro, exclamou: - 'UM DIA O BRASIL HÁ DE SER GRANDE E PODEROSO! CONFIO NOS BRASILEIROS E NOS SEUS DESCENDENTES'. Oxalá, dentro em breve, possamos contemplar o leopardo [Inglaterra] feito leão empalhado, grotescamente inofensivo! (Albuquerque, 1940A: 13)

Escrevendo quando a Segunda Guerra Mundial já havia estourado, mas antes do ingresso brasileiro, Tenório ironiza as notícias das agências internacionais quando o cenário ainda era favorável ao Eixo:

As agências foram de uma fertilidade prodigiosa em mentiras, sobretudo a Havas, puramente judaica, dirigida por H. Finaly. E o mais curioso é que houve quem lhe desse crédito, tendo como verdadeiras, as notícias referentes às espantosas derrotas dos alemães, que continuavam sempre recuando... para a frente, enquanto os aliados iam avançando... para trás. (Albuquerque, 1941A: 34)

Colecionando uma série de afrontas britânicas ao Brasil (ataques de corsários, tratados comerciais desvantajosos, perseguições aos navios negreiros, Questão Christie), Tenório legitima, se não o ingresso na guerra ao lado do Eixo, pelo menos o distanciamento frente aos ingleses:

Ah! Os ingleses! Os inexoráveis e mais tenazes inimigos do Brasil. Não fora a Inglaterra a oprimir-nos com uma pertinácia doentia, sempre a mostrar-se-nos prepotente e gananciosa, e outra, bem outra, seria a situação do nosso Brasil, teríamos progredido mais, muito mais, não estaríamos endividados, com a nossa economia comprometida. (Albuquerque, 1940A: 14)

E, desafiando os anglófilos, proclama: 'Vamos, anglófilos, ou sejam sinceros e reconheçam o erro lamentável em que incorreram em exaltar o maior inimigo do Brasil em todos os tempos, ou destruam, mas com documentos, sem tergiversações, o que afirmamos' (Albuquerque, 1941B: 21). Comentando a guerra em curso, lança um alerta: 'E dizer-se que, desgraçadamente, alguns brasileiros (?) desejavam a vitória da Inglaterra na atual guerra! Desejar a vitória de quem sempre procurou humilhar o Brasil!' (Albuquerque, 1940A: 12).

O contraste entre Inglaterra e Alemanha é uma constante. Narrando o episódio da Revolta da Armada no qual os ingleses teriam cogitado invadir o Brasil, Tenório escreve:

Vemos aí que, enquanto a Inglaterra trabalhava para ultrajar-nos, promovendo um desembarque de forças em nosso país, como veio a fazer na Trindade, a Alemanha fazia questão, intransigentemente, de respeitar a nossa soberania. (Albuquerque, 1940A: 19)

Desconstruindo a imagem da Inglaterra como paladino da liberdade, o autor desqualifica as pretensões inglesas a barrar o tráfico negreiro no século XIX: ‘É impressionante a confissão de Seeley, reconhecendo que a Inglaterra, alcunhada com injustiça de “defensora da liberdade”, emporcalhou as mãos, endoou-as, praticando horripilantes atrocidades no comércio de escravos’ (Albuquerque, 1941B: 101). Desse modo, ‘a bandeira inglesa serve de mortalha para a liberdade dos países. Basta que seja içada em uma região para que a independência seja um cadáver!’ (Albuquerque, 1941B: 147).

Em *O imperialismo britânico no Brasil* essa desconstrução vem novamente à tona: ‘E ainda há brasileiros que atribuam à Inglaterra o papel de defensora de liberdades!’ (Albuquerque, 1941C: 19). Abomina-se também a participação brasileira na Primeira Guerra, após cuja eclosão os ingleses teriam exigido que o Brasil, então neutro, fornecesse 500 mil fuzis, o que foi negado:

Exasperou-se o velho, velhíssimo leão albiônico, habituado a vencer com o sacrifício dos seus aliados. No auge do seu enfurecimento, a Grã-Bretanha determinou que os nossos agentes bancários em Londres exigissem o pagamento em espécie de ‘duas letras do Tesouro Federal, prestes a se vencerem, no valor de 2 000 000 de libras’. Além disso, vários brasileiros, então na Inglaterra, foram alvo de perseguições atroz. A ‘Gresham Publishing Company’, com autorização do Governo Britânico (!!!) publicou insultos contra a honra da nossa Marinha, etc. Fomos injuriados, e... a nossa Marinha, pouco depois, estava ao lado da inglesa, contra a Alemanha, que se negara a desembarcar forças em nosso país! (Albuquerque, 1941C: 27-28)

Note-se como o autor se refere à Inglaterra como o ‘velhíssimo leão albiônico’, ressaltando o anacronismo e a decrepitude do império inglês em um mundo agitado pela emergência dos movimentos nacionalistas que ele tanto admirava.

É particularmente interessante observar como o discurso do autor repercutiu na Argentina, país com longo histórico de rivalidades com a Inglaterra<sup>3</sup>. Uma correspondência do general argentino Juan Bautista Molina demonstra o apreço do militar pela obra *Opressão britânica*:

Los capítulos que usted dedica en ‘Opressão britânica’ a las Islas Malvinas y a las Invasiones Inglesas testimonian como un mismo sentimiento y una franca solidaridad nos debe unir a todos los sudamericanos para resistir cualquiera hegemonia extranjera. (Juan Bautista Molina. 10 de junho de 1942. APM)

Lamentando não ter tido tempo para ler os exemplares que Tenório enviara de *Opressão britânica* e *A Grã-Bretanha a serviço dos judeus*, o também general argentino Basílio B. Pertiné agradece Tenório pelo envio das obras com dedicatória. Pertiné, profundo admirador do exército prussiano e da Alemanha nazista, assegura que irá manter os volumes ‘em lugar preferente en su biblioteca particular’ (Basílio B. Pertiné. 8 de junho de 1942. APM).

---

<sup>3</sup> Além da questão das Malvinas, temos as fracassadas tentativas inglesas de tomar Buenos Aires em 1806-1807.

A obra que os militares comentaram em suas cartas – *Opressão britânica* – é de 1940. O autor começa listando todas as regiões do mundo sob domínio britânico. Em seguida, desconstrói o estigma do inglês de povo civilizado:

Quando se trata de servilizar os homens, de arrancar-lhes a liberdade, os britânicos, no mais das vezes, não escolhem processos. Todos os meios servem, ainda os mais ignominiosos, os mais bárbaros e mais em desacordo com a civilização. Falsearíamos a verdade e desmentiríamos o ‘bom humor’ inglês, se considerássemos os Senhores Britânicos capazes de selecionar processos de opressão. Nenhum lhes merece repulsa. (Albuquerque, 1940B: 9)

Subvertendo o imaginário latino-americano, que enxergava a Inglaterra como nação civilizada por excelência, Tenório apresenta os ingleses como os verdadeiros bárbaros, dada a violência com que tratavam outros povos. A ideia de que ‘O britânico não pega na enxada nem na vassoura’, limitando-se a ‘explorar o trabalho alheio’ (Albuquerque, 1940B: 16), em muito se assemelha ao estigma do judeu como um ser avesso ao trabalho. Em Tenório, as imagens do inglês e do judeu muitas vezes se confundem, tornando-se quase indissociáveis.

Uma análise sincrônica que investigue ‘a relação do conteúdo do objeto intelectual com as outras coisas que vêm surgindo, simultaneamente, em outros ramos ou aspectos de uma cultura’ (Schorske, 1988: 17) nos mostra que essa empreitada de desconstruir a imagem positiva dos ingleses associando-os ao complô judaico não era solitária. Em *Pequena coleção de opiniões a respeito de John Bull*, de 1940, Raphael de Hollanda reúne várias opiniões acerca dos ingleses, todas extremamente negativas. Na epígrafe, o autor reproduz uma frase de Napoleão, que denuncia nos ingleses ‘seu desavergonhado maquiavelismo, sua profunda imoralidade, seu egoísmo frio, seu desprezo pelas relações humanas’ (Napoleão citado por Hollanda, 1940: 3). Em *A propósito dos ‘slums’ londrinos*, ele traça o triste retrato dos cortiços ingleses nos quais ‘fraternizam a miséria, a tuberculose e todos os vícios’. Aqueles que poderiam solucionar esses males seriam seus principais beneficiários: ‘São proprietários de quarteirões inteiros de “slums” altos dignitários da Corte, membros do Parlamento e, também – oh! Os sentimentos dos cristãos! – conspícuas figuras do clero anglicano’ (Hollanda, 1940: 7).

Já Vicente Paz Fontenla, conforme deixa claro no título de seu livro, via a Segunda Guerra como *A lucta entre o ouro e o sangue* – o ouro representado pelos Estados Unidos, Inglaterra e França, submetidos à ‘plutocracia judaica’; o sangue representado pela Alemanha, cujo regime nacional-socialista ‘inspirou e animou o gigantesco esforço com o qual a Alemanha tem provado aos olhos do mundo admirado que soube guardar o mais inestimável dos valores, a sua integridade moral’ (Fontenla, 1941: 11).

Igualmente relevantes para uma análise sincrônica são as obras de outros autores integralistas antisemitas. Affonso de Carvalho, em *O Brasil não é dos brasileiros*, de 1937, incorpora a tese central de Gustavo Barroso em *Brasil, colônia de banqueiros*, de que após 1822 o Brasil teria se submetido ao imperialismo liderado pelo judaísmo. Já Oswaldo Gouvêa denuncia, em *Os judeus do cinema*, de 1935, as

maquinações para difundir valores anticristãos por meio de filmes. A vida imoral dos artistas seria um dos mecanismos para a difusão dessas ideias (Vieira, 2012: 13, 88).

Dado o exposto até aqui, vemos que Tenório não considerava o imperialismo um fenômeno próprio da dinâmica do capitalismo, mas sim uma manifestação tipicamente inglesa. Tanto que ele sequer menciona o imperialismo alemão. Nem mesmo o fato, comentado pelo próprio autor, de os alemães terem assegurado os interesses belgas no Congo – tão imperialistas quanto os britânicos – fá-lo mudar de opinião (Albuquerque, 1940A: 24). Até os *boers*<sup>4</sup> são apresentados como vítimas dos ingleses:

A África Austral Inglesa do Sul foi reunida ao domínio britânico depois de uma terrível guerra de extermínio, de 1899 a 1902. Não foi uma simples guerra de conquista contra negros africanos, sob pretexto civilizador. Não. A região era dominada por brancos, pelos boeres e pelos holandeses, que foram desapiadadamente maltratados. (Albuquerque, 1940B: 19)

‘Não foi uma simples guerra de conquista contra negros’. Como se a guerra contra os negros fosse algo de pouca relevância, destituído da importância que a guerra contra outros europeus possuía. Em seguida, o autor ainda afirma que ‘Os boeres tratam de defender *suas* terras’ (Albuquerque, 1940B: 20 – grifo nosso), passando por cima do fato de que tais terras também foram usurpadas aos povos da região.

Enquanto intelectual ‘que articula os tempos, o passado com o presente e este com o futuro’ (Albuquerque Jr., s/d: s/p), o historiador atual não consegue ler os escritos de Tenório sem inquietações. O circo midiático armado em torno de tragédias na Europa e Estados Unidos, em contraste com o silêncio diante de tragédias na África ou Oriente Médio, nos mostra que a seletividade das denúncias de nosso autor é mais atual do que pensamos. Guerras contra negros sempre serão ‘simples guerras’, da mesma forma que massacres na Síria ou na Nigéria sempre serão notas de rodapé nos jornais.

Mais curiosa do que a ‘simples guerra’ é a passagem, de 1940, na qual o autor considera a Inglaterra ‘a garantidora da integridade da Tchecoslováquia, da Polônia, da Bélgica, da Holanda, da Noruega, da Romênia, etc.’ (Albuquerque, 1940A: 35). A passagem consta de *Escândalo no Morro Velho*, cuja edição por nós consultada foi autografada pelo autor em fevereiro de 1940. Logo, a obra foi publicada em janeiro ou fevereiro, antes de os exércitos nazistas invadirem Noruega, Bélgica, Holanda e Romênia, mas quando já ocupavam Tchecoslováquia e Polônia. Omite-se, mais uma vez, o expansionismo alemão.

Também em *Escândalo no Morro Velho*, lemos que:

Com a mania de considerarem-se seres superiores, os ingleses não respeitam as nossas leis. Confiam no poderio de sua esquadra, possuidora de alguns navios bem interessantes, esplêndidos alvos para os Messerschmits alemães. (Albuquerque, 1940A: 34)

E em mais uma provocação aos ingleses, o autor ironiza o destino das 3200 libras que o Brasil pagou à Inglaterra na Questão Christie:

---

<sup>4</sup> Descendentes de holandeses que se estabeleceram na África do Sul no século XVII.



‘Talvez com os juro das 3.200 libras [a Inglaterra] tenha agora construído abrigos onde, cautelosamente, se enfileiram os seus soldados, quando se aproximam os aviões alemães’ (Albuquerque, 1941B: 138). Não se advoga explicitamente a entrada do Brasil na guerra, mas alimenta-se a esperança de uma vitória do Eixo numa curiosa amálgama entre compensação trans-histórica e compensação transnacional: a Alemanha do século XX vingando o Brasil pelo mal perpetrado pela Inglaterra no século XIX.

Sabemos que o horizonte de expectativas consiste em prefigurar uma situação na qual a experiência do passado e a vivência do presente justificam a esperança positiva de que algo irá acontecer (Koselleck, 2006). O horizonte de expectativas de nosso autor mostrava que torcer pelo Eixo era o mais patriótico, pois era forte a lembrança da Inglaterra como nação opressora e da Alemanha como respeitadora de nossa soberania. Assim, Tenório se vale das relações do Brasil com a Inglaterra e a Alemanha no passado para legitimar uma tomada de posição no presente.

A obra *Desperta, Brasil!* demonstra uma preocupação especial com a situação interna do país. Contrasta-se o que o Brasil era com o seu potencial:

A nossa independência passou a ser um mito. Não temos emancipação econômica. Somos um país endividado, cujas atividades estão condicionadas ao capitalismo estrangeiro. Vivemos na dependência do estrangeiro e, em 7 de Setembro, festejamos a nossa... independência, envoltos nos sorrisos irônicos dos nossos credores... (Albuquerque, s/d: 9)

*Desperta, Brasil!* não possui data, mas foi escrita após a instauração do Estado Novo. O autor rasga elogios à Constituição de inspiração fascista de 10 de novembro de 1937 que fechou o Legislativo, cancelou as eleições e concentrou poderes nas mãos do Executivo. Expressando o imaginário político dos anos 1930, o autor afirma que o Congresso fechado reunia ‘um grupete de despejadores de discursivas inócuas, Cíceros de fancaria, Demóstenes carnavalescos, Mirabeaux de batizados suburbanos’ (Albuquerque, s/d: 184-185). Ademais:

Sob o influxo do patriotismo do Dr. Getúlio Vargas e da ação notavelmente brasileira do Integralismo, surge um Brasil novo, grandioso, florescente, um Brasil em que o verde de nossas esperanças patrióticas há de confundir-se com o verde do esplendor de nossas florestas na exuberância do seu tropicalismo sem par. (Albuquerque, s/d: 12)

Apesar do fechamento da AIB, Tenório continuou acreditando em uma aliança entre integralistas e Vargas. A imprensa integralista também. Após o golpe, o *Acção*, importante periódico integralista, referia-se ao movimento como ‘ex-integralismo’, ao mesmo tempo em que apoiava Vargas (Barbosa, 2007: 183, 184). Mesmo em *Desperta, Brasil!*, Tenório só fala de integralismo nas páginas iniciais. Depois, fala apenas em um ‘movimento altamente patriótico’ (Albuquerque, s/d: 176).

Assim, nossa resposta à pergunta sobre as motivações do autor precisa ser complementada. No que tange à relação com o campo de poder (Bourdieu, 1992), Tenório estava tentando se acomodar diante

do rearranjo de forças no cenário político, não só porque era um integralista, mas também porque, antes do Estado Novo, havia tecido críticas ao processo que conduziu Vargas ao poder: ‘A Revolução de 30 não atingiu o seu objetivo. (...) O que vimos foi quase que apenas o escorraçamento de pessoas dos empregos para dar lugar a outras destituídas de tirocínio, cujo mérito foi ter posto um lenço vermelho no pescoço’<sup>5</sup> (Albuquerque, 1937: 130).

Outro exemplo de embate com o campo de poder diz respeito às dificuldades do autor em disponibilizar suas obras nas livrarias de Belo Horizonte, graças à resistência de muitos livreiros: ‘Livros patrióticos de brasileiros não são vendidos por livrarias do Brasil, para não desgostar os ingleses! Desde quando isto aqui é colônia britânica?’ (Albuquerque, 1941A: 28). Isso porque um dos livros que o autor não estaria conseguindo expor era *Escândalo no Morro Velho*, que denunciava o empreendimento inglês.

Em um dos panegíricos a Vargas, nosso autor demonstra como o integralismo também tinha um apelo racial, propugnando a ‘formação de uma homogeneidade racial e étnica da população, através do caldeamento racial e cultural, resultando no almejado predomínio da raça e cultura brancas’ (Cruz, 2004: 276). Após descrever as condições lastimáveis em que viviam os trabalhadores em Morro Velho, escreve: ‘É sobremodo estranhável que tal suceda justamente num período em que o espírito patriótico do Dr. Getúlio Vargas tanto se interessa pelo nosso aprimoramento racial, com tanto desvelo cuida da eugenia e do robustecimento do nosso povo’ (Albuquerque, 1940B: 78-79).

O discurso do autor estava em sintonia com o imaginário dos anos 1930, no qual ‘o debate sobre a constituição biológica do homem brasileiro ganhou espaço, colocando em pauta o conceito de degeneração racial’. Assim, intelectuais e cientistas ‘tentaram pensar numa identidade para o Brasil que simbolizasse a fusão entre o nacional, o cultural e o racial’, passando pela proibição dos imigrantes ‘indesejáveis’, notadamente negros, orientais e judeus. (Carneiro, 2012: 251-252).

‘Metáforas roubadas’ à medicina davam o tom aos debates. Vírus, contágio, epidemia, bactéria e contaminação foram alguns dos termos usados para referir-se aos inimigos (Carneiro, 2012: 251-252). Assim, para Tenório, ‘O Integralismo é o povo brasileiro incontaminado que marcha impávido para uma vitória certa, que será o maior triunfo do Brasil!’ (Albuquerque, 1937: 133).

Ao louvar o regime fascista italiano, o tema do aprimoramento racial vem novamente à tona:

Mussolini sabe que só são fortes os países de população forte e empenhou-se no robustecimento do seu povo, retirando os seus compatriotas dos lupanares, dos focos de perversão, dos meios corruptores em que os homens se animalizam, sob a ação aniquilante de vícios, para encaminhá-los em direitura aos centros esportivos, para vigorizá-los, dar-lhes um estado hygido compatível com as exigências do momento (...) (Albuquerque, 1937: 103-104)

O autor elenca justamente a questão racial para enfatizar a singularidade do integralismo:

---

<sup>5</sup> Referência à vestimenta dos tenentes, uma das bases de apoio de Vargas.

Ainda não temos o nosso tipo étnico definitivo, que será o amálgama de vários tipos assaz diversos, com a intercorrência de um fator quiçá preponderante: o ambiente. O tipo alemão, sujeito, é claro, a cambiantes mesológicos, já está formado, as suas tendências já estão caracterizadas. Como consequência, o Integralismo, em absoluto, não podia trazer à liça a questão racial, que é um dos pontos essenciais do Nazismo. (Albuquerque, 1937: 85)

Não obstante, ‘Assim como o Nazismo trouxe como consequência o ressurgimento esplendoroso da Alemanha, tornando-a forte e prestigiosa, o Integralismo fará a grandeza do Brasil’ (Albuquerque, 1937: 90).

Voltando a *Desperta, Brasil!*, vemos como o autor rompe com o discurso conservador da Primeira República, pautado pela defesa da vocação agrária do Brasil:

Precisamos cogitar da industrialização, da transformação da matéria prima em produção fabril. Limitar-nos a exportar a matéria prima é como que uma confissão tácita e vergonhosa da nossa incapacidade em modificar aquilo que arrancamos do solo.

(...)

Restringir-nos a incentivar a nossa exportação da matéria prima, somente semilibertar-nos-íamos do capitalismo estrangeiro. Os industriais estrangeiros comprar-nos-iam maior quantidade de matéria prima, mas continuariam a vender-nos a sua produção, prosseguiriam auferindo pingues proventos mercadejando com o Brasil. (Albuquerque, s/d: 41-42)

Note-se a constante associação do capitalismo ao estrangeiro, como se ambos se confundissem. Mas um estrangeiro em especial se salva dessas críticas: Henry Ford, o famoso empresário norte-americano declaradamente antissemita:

Foi preciso que Henry Ford nos estendesse a mão amparadora e se assenhoreasse de parte do território nacional para beneficiá-lo, soerguer a borracha, aumentar-lhe a produtividade e valorizá-la, impulsionando notavelmente o progresso em uma região até então inculta. A prosperar sem descontinuação, a Fordlandia apresenta-nos um convincente aspecto de progresso. (Albuquerque, s/d: 51)

É interessante observar como o autor coloca o Brasil no mesmo patamar das possessões inglesas:

Infelizmente, brasileiros há que, por inépcia ou por venalidade, aplaudem os senhores britânicos que vivem em Nova Lima como em qualquer outra colônia do vastíssimo império britânico, prestes a desagregar-se. E os há, também, que se acamarilham com os ingleses da Mina de Morro Velho, que, com eles, se mancomunam despudoradamente. (Albuquerque, 1940A: 34)

Também busca associar a luta afro-asiática pela independência à luta antissemita, endossando as denúncias de M. G. Batault de uma maciça presença judaica no comércio de ouro e diamantes, na metalurgia, na indústria cervejeira, na iluminação, nos setores de gás, petróleo e armamentos das colônias asiáticas e africanas (Albuquerque, 1941A: 14-16). Aqui está um dos grandes trunfos do

mito do complô: fazer com que ‘todos os fatos, qualquer que seja a ordem a que pertençam, [achem-se] reduzidos, por uma lógica aparentemente inflexível, a uma mesma e única causalidade, a uma só vez elementar e todo-poderosa’ (Girardet, 1987: 55).

Sabemos, porém, que, diferente da Ásia, no Brasil ‘os imperialistas europeus, logo em seguida também os norte-americanos, encontraram (...) uma civilização e uma cultura em essência análogas às deles, pois eram da mesma origem’ (Prado Jr., 1966: 183). Assim, Tenório precisou agarrar-se a elementos que nos singularizavam diante do estrangeiro, encontrando-os na erva-mate e no pirarucu:

Por que, impatrioticamente, se organizam tantos chás dançantes, fazendo-se propaganda de um produto estrangeiro, e põe-se à margem, inferiorizando-o, um dos principais produtos brasileiros [a erva-mate]?

É evidente a falta de brasilidade, de nacionalismo. Nas confeitarias elegantes do Rio e de São Paulo, vendem xícaras de chá, mas não fornecem xícaras de mate.

Um grande produto brasileiro, combatido nas duas maiores cidades do Brasil!!! (Albuquerque, s/d: 78)

Em todos os restaurantes da nossa capital, come-se bacalhau diariamente, mas o pirarucu, peixe brasileiro, é inexistente. No sul do Brasil, é totalmente desconhecido o pirarucu, ao passo que todos conhecem o bacalhau, produto advena.

(...)

Aí vemos, uma vez mais, um produto nacional indefesamente sacrificado por um produto estrangeiro e, o que é pior ainda, com impatriótica cumplicidade nossa, que não procuramos comer o peixe amazonense e ingerimos, não raro, uma bacalhoada à... portuguesa. (Albuquerque, s/d: 81, 82-83)

Essa busca pela singularidade do Brasil foi fruto de um mal-estar comum a muitos intelectuais. Cada um tentou superá-lo à sua maneira. Os românticos se agarraram a um índio idealizado. Gilberto Freyre exaltou a mestiçagem. Sérgio Buarque de Holanda destacou a cordialidade. Até Policarpo Quaresma, o irreverente personagem de Lima Barreto, foi vítima dele, chegando ao paroxismo de defender a oficialização do tupi-guarani como idioma nacional (Barreto, 1970). E foi esse mal-estar que levou Tenório a empunhar a erva-mate e o pirarucu...

A própria identificação do judeu com o imperialismo era, a nosso ver, uma maneira de curar esse mal-estar. Atribuir o imperialismo ao europeu de quem descendíamos era problemático. Atribuí-lo ao judeu, suficientemente estigmatizado como estranho e hostil, fazia muito mais sentido. Diante do fato de que ‘As origens e a formação histórica do Brasil (...) têm suas raízes e sua força motriz, e até mesmo sua constituição demográfica, naquele próprio continente onde se situariam os centros do imperialismo’ (Prado Jr., 1966: 100-101), o judeu foi uma figura fundamental para superar o mal-estar de um autor que, ao olhar-se no espelho e ver que o imperialismo estrangeiro tinha quase a mesma feição que a sua, precisou diferenciar dominadores de dominados. O judeu, por ser ‘um Outro que pode ser reinventado para dar conta das diferenças e contradições sociais, um Outro a partir de cuja exclusão se organiza um partido, uma ideologia, um Estado’ (Cytrynowicz, 1992: 35), cumpriu bem esse papel.

O imperialismo britânico, portanto, era atribuído, em última instância, ao judeu. A Inglaterra teria sido a única a não tomar providências contra esse mal. Tendo em vista que ‘manejam o público a seu bel prazer, fomentando ódios, arrastando os povos a guerras, das quais são os maiores beneficiários’, os judeus ‘vendem armas, provocam guerras mas... não combatem’ (Albuquerque, 1941A: 48, 17). Suas armas seriam as finanças e a imprensa:

Já afirmam, pois, os judeus que dispõem da imprensa, que ela lhes caiu nas mãos, que a dominam e a manejam, portanto. Em numerosos países já eles se assenhorearam da imprensa tanto assim que os jornais não os atacam, não discutem a questão judaica, silenciam quando aparece um livro que exponha sinceramente a ação da maioria dos hebreus, são contra a Alemanha porque o Nacional Socialismo restringiu o poder dos judeus, mas se esquecem do que os judeus fizeram com os cristãos na Rússia... etc. (Albuquerque, 1941A: 27-28)

Um dos periódicos nas mãos dos judeus seria o *The Times*, que ‘várias vezes investiu contra o Brasil. Em 1845, quando se debateu o ultrajante bill Aberdeen, chegou a negar-nos direitos de soberania, achando que a Inglaterra podia apresiar navios brasileiros em nossos portos!’ (Albuquerque, 1941A: 63). Ademais, o embaixador britânico no Brasil nos anos 1860, William Douglas Christie,

em todas as suas atitudes hostis ao Brasil (...) foi apoiado por lorde John Russell, Ministro do Exterior da Inglaterra. Lorde Russell era manejado pelos judeus, basta dizer-se que, em 1858, ele propôs que fossem excluídas do juramento dos deputados, as palavras ‘on the true faith of a christian’, a fim de que os israelitas pudessem ingressar no Parlamento (Albuquerque, 1941C: 18-19)

A escrita do autor assume tom caricato ao criticar o ‘bacharel’, popularmente conhecido como aquele cidadão arrogante que exercia, de forma incompetente, funções para as quais não estava preparado (Dutra, 2005): ‘Quanto rapaz carrega inutilmente um anel quando poderia, utilmente, manejar uma enxada! Anualmente, a nossa produção de médicos, advogados e engenheiros é superior ao consumo. A praça já está abarrotada’ (Albuquerque, s/d: 134). E, apelando mais uma vez à sua fina ironia:

Para trabalhar em jornais e em repartições públicas, já superabundam os advogados que enxameiam por aí, os médicos existentes bastam para passar atestados de óbitos, com a nova ou com a velha grafia, caprichando bastante para que a letra saia pavorosa, o que é ridiculamente sinal de competência. Aqui só é bom médico quem tem letra horrível. (Albuquerque, s/d: 137)

Graças à multiplicação das instituições de ensino superior durante a Primeira República, nos anos 1930 o país assistiu a um fenômeno inédito: o diploma de nível superior deixava de ser elemento de distinção social. Essa saturação de ‘bacharéis’ desencadeou uma disputa acirrada entre os intelectuais (Miceli, 2001: 118, 119). Assim, ao mandar os bacharéis ‘manejarem uma enxada’, o autor certamente estava protagonizando as disputas no interior do campo intelectual (Bourdieu, 1992) na tentativa de assegurar seu lugar.

A classe política é elencada, junto com os bacharéis, como parte do legado maldito da Primeira República. Num assomo de ódio e preciosismo, Tenório proclama:

Esses politikeiros sem decoro nem patriotismo não podem prosseguir em sua ação dissolvente, caftinizando-nos! Cumpre esvurmá-los. Urge escorraçá-los, vapuleá-los, zurzi-los, vergalha-los, zupá-los, azorrage-los, vergastá-los, taganteá-los, chicoteá-los, relhá-los! (Albuquerque, s/d: 177-178)

Não demoraria muito para que as obras de Tenório atraíssem suspeitas das autoridades. Em julho de 1942, o delegado de ordem pública, escrevendo ao major chefe de polícia, relatou ter feito buscas na residência do autor, mas minimiza os resultados:

Apenas, colhi as cartas que seguem junto às suas declarações, telegramas e uma revista, que provam que as obras de sua autoria foram disseminadas em época anterior à atual situação do País em face do conflito internacional, sendo certo que suas obras foram recebidas sem oposição. (Domingos Henriques Carlos da Silva. 25 de julho de 1942. APM)

O Brasil declara guerra ao Eixo em 31 de agosto de 1942. No dia 18, Tenório foi enviado para a Casa de Correção, sendo transferido para a penitenciária de Neves três dias depois. O mesmo documento comunica que em maio de 1942 ele esteve ‘Envolvido nos movimentos de 12 e subsequentes’, referência a inquéritos realizados com ex-integralistas de Belo Horizonte naquele mês (25 de setembro de 1942. APM).

1942 representa, assim, um ponto de inflexão para o autor. O torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães deixou Tenório em situação difícil. Todo o patriotismo, o espírito de sacrifício e abnegação aos quais o autor exortava foram insuficientes para impedir que ele fosse investigado por ‘atividades antibrasileiras’, conforme consta de documento que o acusava de manter contatos com forças do Eixo na Argentina (Te. Cel. Juvêncio Corrêa de Araújo. 20 de julho de 1942. APM).

Em documento da Delegacia de Ordem Pública, lemos que Tenório d’Albuquerque, ao ser fichado como simpatizante do nazismo em 1942, ‘declarou ser nacionalista e que, em face da Guerra do Brasil com a Alemanha, estava disposto a lutar contra os inimigos de seu país, fossem alemães ou americanos’ (João Luís Alves Valladão. 29 de abril de 1946. APM). Diante da ‘guerra errada’ contra a Alemanha, renegava assim o professor carioca seus libelos germanófilos que com tanto ardor redigira – seja porque finalmente se dera conta de que o Terceiro Reich nunca fora comprometido em salvar ninguém das garras do ‘leão albiônico’, seja porque queria apenas se defender da repressão política.

A total falta de compromisso nazista com essa pauta não poderia ser melhor explicitada do que na seguinte passagem de Hitler: ‘Como um racista que julga a humanidade pelo critério da raça, não posso admitir que se acorremem os destinos de uma nação às chamadas “nacionalidades oprimidas”, desde que, racialmente, elas são de insignificante valor’ (Hitler, 2005: 487). Isso passou despercebido a Tenório, a despeito de sua visita à Alemanha nazista nos anos 1930 e

de seus dois livros sobre o país e o *Führer: A Alemanha grandiosa e Hitler: longo estudo da personalidade de Adolf Hitler*<sup>6</sup>.

Era esse o *triste fim de Tenório d'Albuquerque* enquanto intelectual pró-Eixo, tão triste quanto o de Policarpo Quaresma. Ambos agarraram-se a metonímias brasileiras: tupi-guarani, erva-mate, peixes amazonenses; ambos se viram na mira dos governos aos quais tanta lealdade demonstraram: Policarpo fuzilado a mando de Floriano Peixoto e Tenório preso pelo Estado Novo; ambos lamentaram seus destinos, haja vista o quanto haviam se batido pelos interesses da nação.

Tenório ainda viveria muito após o Estado Novo, publicando obras sobre a maçonaria, da qual se mostrou profundo admirador, apesar de seu passado integralista e de sua admiração por Gustavo Barroso, escritor antimacônico. Mas sua aventura patriótica acabaria de forma melancólica, com os navios de seu amado país afundados pela já não tão amada Alemanha.

### Considerações finais

Dado o exposto até aqui, pensamos que as obras de Acir Tenório d'Albuquerque analisadas constituíram-se em libelos anti-imperialistas quando o próprio combate ao imperialismo ainda não era uma ideia consolidada no imaginário nacional. Segundo Caio Prado Jr.:

As origens e a formação histórica do Brasil, em flagrante e profundo contraste com os países da Ásia, têm suas raízes e sua força motriz, e até mesmo sua constituição demográfica, naquele próprio continente onde se situariam os centros do imperialismo, a saber, a Europa. Evoluímos e nos desenvolvemos à sombra e ação da mesma civilização e cultura daqueles países que em nossos dias assumiriam a posição imperialista. Essas circunstâncias evidentemente nos colocam em situação bem distinta de países e povos, como os asiáticos, onde o imperialismo se propôs em frente a sociedades que se tinham constituído à parte inteiramente dos imperialistas. (Prado Jr., 1966: 100-101)

Sendo assim, a identificação do imperialismo com o judeu permitia a nosso autor, ainda que de forma inconsciente, resolver o dilema de discursar contra o imperialismo a partir da América Latina. Tendo em vista a íntima ligação do Brasil com seus opressores, identificar o inimigo imperialista no judeu era uma ótima forma de superar esse dilema. No momento em que Tenório escrevia, a noção de anti-imperialismo ainda dava seus primeiros passos no Brasil. Assim, a anglofobia e o antissemitismo ajudaram a guiar esse discurso anti-imperialista quando ele ainda tateava no escuro.

Por fim, constatamos que a obra de Tenório d'Albuquerque constitui um exemplo formidável de *historia magistra vitae*, já que ele se vale da história do Brasil, sobretudo no século XIX, para justificar o apoio ao Eixo na Segunda Guerra.

'Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude' (Koselleck, 2006: 310) são elementos que constituem o horizonte de expectativa. Em Tenório, essa esperança e esse desejo eram os de ver a Inglaterra

---

<sup>6</sup> Dada sua importância, a primeira obra mereceria um estudo à parte. Não localizamos a segunda obra.

derrotada na guerra pelos alemães, assegurando a libertação dos povos do jugo do imperialismo judaico-britânico.

## Referências bibliográficas

- Albuquerque Jr., D. M. de. O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: *Revista eletrônica tempo presente: rede de estudos do tempo presente*. [WWW document]. URL: [http://tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4973:o-tecelao-dos-tempos-o-historiador-como-artesao-das-temporalidades&catid=36&Itemid=127](http://tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4973:o-tecelao-dos-tempos-o-historiador-como-artesao-das-temporalidades&catid=36&Itemid=127) [acesso em 06 de junho de 2015].
- Barbosa, J. R. (2007) *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)*. Dissertação de mestrado não publicada, Unesp, Marília.
- Barreto, L. (1970) *Triste fim de Policarpo Quaresma: romance*. 8. ed. Brasiliense: São Paulo (Obras de Lima Barreto, 2).
- Bourdieu, P. (1992) Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli. Editora Perspectiva: São Paulo (Ciências Sociais).
- Carneiro, M. L. T. (2012) Metáforas roubadas à doença: particularidades do discurso racista. In: Carneiro, M. L. T.; Monteiro, Y. (orgs). *As doenças e os medos sociais*. Editora Fap-Unifest: São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (1988). *O antissemitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração - 1930-1945*. Brasiliense: São Paulo.
- Cruz, N. R. (2004). *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Cytrynowicz, R. (1992). *Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dutra, E. de F. (2005). *Rebeldes literários da república: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier – 1903-1914*. UFMG: Belo Horizonte.
- \_\_\_\_\_. (1997). *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Ed. da UFRJ: Rio de Janeiro; Ed. da UFMG: Belo Horizonte.
- Girardet, R. (1987). *Mitos e mitologias políticas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras: São Paulo.
- Konder, L. (1977). *Introdução ao fascismo*. Graal: Rio de Janeiro.
- Koselleck, R. (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Contraponto, PUC-Rio: Rio de Janeiro.
- Levine, R. (2001). *Pai dos pobres?: o Brasil e a Era Vargas*. Companhia das Letras: São Paulo.
- Lukács, G. (1959). O particular à luz do materialismo dialético. In: \_\_\_\_\_. *Introdução a uma estética marxista*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Editora Civilização Brasileira S.A.: Rio de Janeiro.



- Miceli, S. (2001) Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais à brasileira*. Companhia das Letras/Fundação Biblioteca Nacional, 2001: São Paulo.
- Prado Jr., C. (1966) *A revolução brasileira*. 2ª edição. Brasiliense: São Paulo.
- Rago Filho, A. (1989) *A crítica romântica da miséria brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Schorske, C. E. (1988). *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Tradução de Denise Bottmann. Companhia das Letras: São Paulo.
- Skinner, Q. (2002) *Visions of politics: regarding method*. Volume 1. Cambridge University Press: Cambridge, U.K.; New York.
- Trindade, H. (1974) *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Difusão Europeia do Livro: São Paulo.
- Vieira, N. C. D. (2012) *Além de Gustavo Barroso: o antisemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Fontes – Arquivo Público Mineiro (APM), Polícia Política (1927 a 1982)

25 de setembro de 1942. Documento datilografado em papel timbrado do Serviço Público do Estado de Minas Gerais. Título: Arcy Tenório de Albuquerque, pasta: 5417, rolo: 095, data: junho 1942 – agosto 1949, documento 15A. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops\\_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2006](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2006) [Acesso: 20 de novembro de 2015].

Basílio B. Pertiné. Carta. 8 de junho de 1942. Título: Arcy Tenório de Albuquerque, pasta: 5417, rolo: 095, data: junho 1942 – agosto 1949, documento 16. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops\\_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2007](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2007) [Acesso: 20 de novembro de 2015].

Domingos Henriques Carlos da Silva. Informação de diligência. 25 de julho de 1942. Título: Arcy Tenório de Albuquerque, pasta: 5417, rolo: 095, data: junho 1942 – agosto 1949, documento 26. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops\\_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2017](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2017) [Acesso: 20 de novembro de 2015].

João Luís Alves Valladão. Carta datilografada da Delegacia de Ordem Pública. 29 de abril de 1946. Título: Arcy Tenório de Albuquerque, pasta: 5417, rolo: 095, data: junho 1942 – agosto 1949, documento 5. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops\\_docs/photo.php?numero=5417&imagem=1996](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo.php?numero=5417&imagem=1996) [Acesso: 20 de novembro de 2015].

José Pereira Silva. Documento datilografado. 7 de fevereiro de 1942. Ordem de serviço [Serviço de Investigações da Chefia de Polícia do Estado de Minas Gerais]. Título: Capitão Antônio Teixeira dos

Santos, pasta: 2625, rolo: 037, data: janeiro 1938 – agosto 1942, documento 4. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops\\_docs/photo.php?numero=2625&imagem=1489](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo.php?numero=2625&imagem=1489) [Acesso: 20 de novembro de 2015].

Juan Bautista Molina. Carta. 10 de junho de 1942. Título: Arcy Tenório de Albuquerque, pasta: 5417, rolo: 095, data: junho 1942 – agosto 1949, documento 15B. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops\\_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2006](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2006) [Acesso: 20 de novembro de 2015].

Te. Cel. Juvêncio Corrêa de Araújo. Ofício datilografado em papel timbrado do Ministério da Guerra solicitando verificação de atividades antibrasileiras. 20 de julho de 1942. Título: Arcy Tenório de Albuquerque, pasta: 5417, rolo: 095, data: junho 1942 – agosto 1949, documento 25. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops\\_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2016](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo.php?numero=5417&imagem=2016) [Acesso: 20 de novembro de 2015].

#### Fontes – Obras de Tenório d’Albuquerque

- (1941A) *A Grã-Bretanha a serviço dos judeus*. Gráfica Labor: Rio de Janeiro.
- (1941B) *Atentados contra o Brasil*. Gráfica Labor: Rio de Janeiro.
- (s/d) *Desperta, Brasil!* Schmidt: Rio de Janeiro.
- (1940A) *Escândalo no Morro Velho*. 2ª edição. Gráfica Labor: Rio de Janeiro.
- (1941C) *Imperialismo britânico no Brasil*. Gráfica Labor: Rio de Janeiro.
- (1937) *Integralismo, nazismo e fascismo: estudos comparativos*. Ed. Minerva: Rio de Janeiro.
- (1940B) *Opressão Britânica*. Rio de Janeiro.

#### Demais fontes

- Barroso, G. (1936) *Brasil, colônia de banqueiros: história dos empréstimos de 1824 a 1934*. 5ª edição. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.
- Fontenla, V. Paz. (1941). *A lucta entre o ouro e o sangue: complemento à edição de janeiro de 1941*. Rio de Janeiro.
- Hitler, A. (2005). *Minha luta*. 5ª edição histórica. Tradução de Klaus Von Puchen. Centauro: São Paulo.
- Hollanda, R. de. (1940). *A propósito dos “slums” londrinos*. Casa Riedel: Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (1940) *Pequena collecção de opiniões a respeito de John Bull*. Casa Riedel: Rio de Janeiro.